

A CONSCIÊNCIA E O EU NO PROJETO NATURALISTA DE DENNETT

Eduardo José Lima de Oliveira (bolsista do PIBIC/UFPI), José Sérgio Duarte da Fonseca (Orientador, Depto de Filosofia – UFPI)

Introdução: Este trabalho se preocupará principalmente em mostrar a possível solução para o problema da relação mente e corpo que é dada pelo filósofo Daniel C. Dennett dentre as teorias que tentam dar possíveis respostas para tal problema. Uma das finalidades do presente será a de mostrar a insuficiência de tais teorias (nomeadamente a teoria cartesiana da consciência), e demonstrar a importância e contribuição que é dada pela teoria naturalista de Dennett.

Metodologia: A metodologia utilizada será a leitura crítica dos textos selecionados na bibliografia que dizem respeito ao tema, para dar cumprimento ao seguinte plano de pesquisa: 1. Compreender as relações entre a adoção da postura intencional e o estudo empírico da consciência; 2. Compreender as críticas de Dennett ao modelo dualista da consciência, o qual tem como principal representante o racionalista René Descartes.

Objetivos: O objetivo da pesquisa é analisar o projeto de descrição de nossa experiência subjetiva e do eu em termos biológicos, proposta por Dennett. Levar em consideração o tradicional problema da mente, fazendo uma desconstrução e forte crítica ao cartesianismo e, tentar extrair uma possível solução para o problema apontado, tomando como suporte a proposta do tema deste trabalho, que é apontada por Dennett principalmente na obra *Tipos de mentes*.

Resultado e discussões: Uma pergunta sempre permeou o entendimento da humanidade; o homem sempre tentou entender-se, saber o que ele é, de que o homem é composto? E em se tratando das filosofias tradicionais da mente, que têm buscado responder tal questionamento, elas se dividem em cinco, ou seis, pois o dualismo é subdividido em duas, grandes categorias: dualismo de substância e de propriedade; behaviorismo, teoria da identidade, funcionalismo e eliminativismo (BONJOUR, 2010, p. 218). Então, dentro da postura dualista destaca-se a de René Descartes, que propõe uma resposta para tal problema, no início da era moderna. Descartes entendia que o homem é composto de duas substâncias básicas, a *res cogitans* (pensamento) e *res extensa* (matéria). Ele dizia que a *coisa pensante* seria a entidade não-física e que somente a *coisa extensa* seria a entidade física ou material. Bem, o problema que se apresenta, e que Descartes não consegue satisfatoriamente responder, é como pode o homem ser composto por dois tipos distintos de entidades e ainda assim estas duas se relacionarem, ou seja, como é possível que uma entidade não física pode relacionar-se com uma entidade física. Para tentar dar uma solução satisfatória ao problema da relação corpo e mente, Dennett apresenta uma proposta que deixa de lado a ideia da existência de entidades não-físicas, considerando que mente e o corpo são ambos entidades físicas, naturais. No que se segue, mostrar-se-á como se dá essa passagem do dualismo cartesiano para o naturalismo que propõe Dennett bem como uma noção dessa nova proposta naturalista do eu.

Até então a concepção tradicional cartesiana tem imposto a ideia de que somente o homem é detentor de uma mente e isso tem sido “aceito” sem muitos problemas, mas o que Dennett quer é exatamente entender, e ao mesmo tempo tentar dar uma explicação, à questão “que é uma mente?”. Ele quer tentar dar uma solução ao problema da relação corpo e mente - para isso é necessário

produzir uma ruptura com a tradição cartesiana. Para iniciar o processo de entendimento da mente ele lança algumas questões básicas que talvez já tenham passado pela cabeça de qualquer indivíduo comum. Ele se pergunta pelas mentes de outros seres e até por possíveis mentes em máquinas. Tais questionamentos brotam das semelhanças entre todos os entes existentes com a capacidade de produzir determinadas ações por parte de seres não-humanos que em certo ponto assemelha-se à dos homens.

A *empatia* para com os outros entes seria o ponto inicial para um melhor entendimento do que venha a ser as mentes, como também para o possível entendimento de outras possíveis mentes. A compreensão cartesiana de que somente o homem é possuidor de mente não é satisfatória, já que o homem é um entre todos os entes que existem.

Em “Tipos de Mentes” Dennett propõe alguns questionamentos, por exemplo, como um ser pode saber o que se passa na mente de outro? O que pensam os bebês? O que é que se pode afirmar sobre mentes não-humanas, se é que existem? E os animais, o que eles pensam? Ou ainda, pode um ser inanimado, como um robô, ter sentimentos? Dennett vai afirmar categoricamente que esses são questionamentos de alta relevância, mas que, dentro do que prescreve a teoria cartesiana, não se pode encontrar respostas adequadas, sendo que, para Descartes somente o ser humano é possuidor de mente (DENNETT, 1997, p. 9).

Como já fora dito anteriormente muitos são os autores, em maior parte filósofos, que admitem ser a explicação cartesiana para a relação entre mente e corpo no mínimo confusa, pois não consegue explicar como é que pode haver uma relação entre duas substâncias tão distintas, sendo uma espacial (material) e a outra substância, mental e não-espacial. Descartes também distingue as qualidades mentais das materiais, porque uma coisa é a consciência que se tem de uma dada experiência de um determinado objeto e outra é o que realmente este é. A respeito disso, no que tange a tese cartesiana que distingue as qualidades mentais das materiais, um exemplo que se pode dar é que nesse momento tenho a “consciência” de que a tinta da caneta que estou a escrever neste momento é azul, essa é a qualidade de cor que o eu consciente está a perceber, mas que na verdade o mundo material é incolor. Descartes demonstra nas que o conhecimento do “eu” é um conhecimento infalível, por não ser possível duvidarmos de que somos uma coisa pensante, ele observa que o espírito pode ser “concebido como uma substância existente”, independentemente que saiba qualquer coisa do mundo, inclusive do próprio corpo (ROSENFELD, 1996, p. 124).

A intencionalidade, dentro do que foi denominado de “o projeto naturalista de Dennett”, é de grande importância para se chegar a uma explicação cientificamente informada da mente. Com isso a intenção desse darwinista é demonstrar que não somente o homem pode ter posturas intencionais como também outros animais. Isso caracteriza o trato que Dennett faz da mente. Novamente faz-se necessário destacar que em momento algum Dennett quer equiparar outras mentes com a mente humana, ele não está afirmando que tanto o homem como os outros animais além de outros entes possuem algum tipo de mente.

À semelhança de Darwin, Dennett afirma que os homens, seres possuidores de uma mente desenvolvida e de alto grau de consciência, têm por ancestrais essas macromoléculas as quais ele denomina de robôs auto-replicantes. E não somente o homem, mas todas as formas de vida

compartilham do mesmo ancestral. Para Dennett *somos todos descendentes diretos desses robôs auto-replicantes*.

No que diz respeito ao senso comum, ao se falar de consciência e seu processo de funcionamento sempre se acredita que este se dá em uma única região do corpo, o cérebro. Essa postura é perfeitamente enquadrada naquilo que se chama de teatro cartesiano. Porém, distante desta maneira de ver o funcionamento da consciência, Dennett julga que a consciência se dá não somente em uma região isolada do corpo, mas que sua atuação acontece de forma múltipla. É como se o corpo, como um todo, fosse o produtor do que chamamos de consciência. A ideia é que cada parte do corpo, cada célula, venha a ter, a partir da adoção da postura intencional, uma intencionalidade, uma capacidade de tomar alguma decisão ou, em outras palavras, de ter uma consciência, ou seja, ter consciência não é uma característica ou atividade única e exclusiva do cérebro.

Conclusão: Apesar de não haver nenhuma resposta que seja plenamente satisfatória ao problema corpo-mente, o naturalismo que é proposto por Dennett demonstra ser uma teoria que aponta um melhor caminho rumo à possível solução para tal questionamento. Que através da postura intencional Dennett pôde, pelo menos, demonstrar que não apenas o homem é possuidor de mente, como é concebido principalmente pelo dualismo cartesiano. E ainda que através da adoção da postura intencional os seres humanos podem identificar que há outros tipos de mentes, que a mente humana é apenas um tipo mais evoluído de mente.

Palavras-chave: Consciência. Mente. Intencional.

Referências bibliográficas:

BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2010.

DENNETT, Daniel C. *A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Trad. Talita M. Rodrigues Mourão. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Tipos de mente: rumo a uma compreensão da consciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HEIL, John. *Filosofia da mente: uma introdução contemporânea*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

ROSENFELD, Denis L. *Descartes e as peripécias da razão*. São Paulo: ILUMINURAS, 1996.